

Estudo diz que eficiência energética tem melhor custo-benefício que autogeração

Energia

Letícia Fucuchima

De São Paulo

Empresas têm melhor custo-benefício investindo em soluções de eficiência energética, como a troca de equipamentos antigos e a aplicação de tecnologias mais avançadas, do que em novos projetos de autogeração de energia no local de consumo.

A conclusão é de um estudo inédito da Comerc ESCO, braço do grupo Comerc Energia. Feito com base em dados próprios de mais de 40 projetos encomendados por clientes da indústria e do varejo, o levantamento comparou os custos médios de implantação de diferentes soluções e seus respectivos prazos de retorno do investimento ("paybacks"). Constatou-se que é mais barato e vantajoso ser eficien-

te e economizar energia do que gerá-la no local de consumo construindo uma nova usina.

O presidente da Comerc ESCO, Marcel Haratz, afirma que o mercado para as "escos" – apelido dado às empresas de serviço de conservação de energia – vem crescendo nos últimos anos, mas menos do que poderia porque não há uma "cultura arraigada" de eficiência no Brasil. "O país desperdiça mais de 23 terawatts-hora (TWh) ao ano, é quase um terço da geração de Itaipu no ano passado", diz, se referindo a dados do Plano Decenal de Expansão de Energia (PDE), da Empresa de Pesquisa Energética (EPE).

Haratz observa que houve um "boom" de projetos de autogeração nos últimos anos, como os de micro ou minigeração distribuída fotovoltaica, mas que esse movimento não foi acompanhado

pela redução no desperdício de energia. "A geração de energia na fonte de consumo, junto com a eficiência energética, é um binômio perfeito. Esse outro lado não pode ser esquecido, porque senão você gera energia no seu telhado para jogar no lixo."

Os projetos de eficiência energética no âmbito privado, pouco incentivados no Brasil, podem ser uma forma de aumentar a competitividade das empresas para a saída da crise, avalia Frederico Araújo, presidente da Associação Brasileira das Empresas de Serviços de Conservação de Energia (Abesco). Pelos cálculos da entidade, a indústria tem potencial de economizar R\$ 4 bilhões por ano com eficiência energética. Para o comércio, a cifra estimada é de R\$ 2,4 bilhões.

Segundo Araújo, as "escos" não ficaram imunes à crise e tam-

bém sentiram diminuição dos negócios no início da pandemia. Porém, ele afirma que as empresas voltaram a tirar projetos da gaveta. "Já sentimos a retomada, percebemos aumento dos pedidos de cotação por projetos."

Existem basicamente dois grandes mercados para a área no Brasil. No ambiente público, os projetos são fomentados pelo Programa de Eficiência Energética (PEE), da Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), que viabilizou R\$ 5,9 bilhões em investimentos de 1998 a 2019. Já no ambiente privado, as "escos" têm como principais clientes a indústria, hospitais e shoppings.

"Estamos vendo agora um movimento de consolidação, com grandes empresas se estruturando para abocanhar esse mercado", diz Araújo, citando Engie e a GreenYellow, do grupo Casino.

Valor - 17/08

Nunca foi tão crucial como agora, neste momento de crise, buscar aumentar a produtividade, ou seja, fazer mais com o mesmo (ou até menos). Nessa perspectiva, a gestão eficiente da energia elétrica tornou-se essencial para toda a cadeia de produção. No entanto, temos percebido uma confusão entre o conceito de eficiência energética e a simples redução do custo da energia.

A migração para o Mercado Livre ou a implementação de projetos de Geração Distribuída, quando viáveis, não buscam apenas reduzir a quantidade de quilowatts (kW) consumidos, mas sim diminuir o preço final da energia elétrica utilizada. Sem desvalorizar essas opções como geradoras de resultados positivos, é crucial diferenciá-las do ganho de produtividade por meio da eficiência energética.

Uma abordagem para o uso eficiente de energia elétrica passa pela elaboração de um "Diagnóstico Energético", que identifica todas as características de consumo de uma planta e aponta possibilidades de redução sem comprometer a qualidade da produção. Esse diagnóstico deve incluir:

- Análise do sistema de iluminação;
- Avaliação do sistema de climatização;
- Exame do sistema de motores e outros dispositivos consumidores;
- Verificação de fuga de corrente;
- Avaliação da Qualidade da Energia Elétrica (QEE), considerando aspectos como tensão em regime permanente, corrente, distorção de tensão e corrente, potência e energia ativa, fator de potência, distorção harmônica de tensão e corrente, e frequência da rede.

Assim, com base nos dados obtidos, é possível realizar uma análise completa do consumo de energia da planta e identificar as verdadeiras necessidades de potência (kW) e energia (kWh), além de listar todas as oportunidades de melhoria de eficiência, redução de consumo e custos.

17/08/2020